O POVO DE AVEIRO

Semanario republicano

PROPRIETARIO E DIRECTOR Francisco Manuel Vermum Christo

Assignaturas, pagamento adeantado
Aveiro, anno, 1$200. Semestre, 600 reis. Fóra d'Aveiro: Portugal e colonias, anno, 1$300. Semestre 650. Extrangeiro, 2$500.
Redacção e administração—Rua d'Arnellas—AVEIRO

ANNO XXVIII | AVEIRO, 21 DE NOVEMBRO DE 1909 | Nº 1.335

Publicações
No corpo do jornal: a linha 40 reis. Annuncios (quarta pagina) cada linha 20 reis. Permanente mediante contracto.
Composto e impresso na Typographia do *Povo de Aveiro*.

Factos e Criticas

O *Diario de Noticias* tem feito referencias a um famoso artigo do importante jornal inglez *Manchester Guardian*, segundo o qual a Inglaterra não deve consentir no casamento do rei de Portugal com uma princeza ingleza, pois que o throno portuguez *está a ruir*, pois que o sentimento d'este paiz é *insuperavelmente republicano.*

Ahi teem, ahi teem, o resultado da politica imbecil seguida desde a morte de D. Carlos.

Todos estes desastres nacionaes são a consequencia da falta absoluta *d'estadistas n'esta terra.* Portugal não tem, não o tem tido ha muitos annos, *um unico estadista*, nem coisa que se lhe pareça.

Como já dissémos, João Franco só tinha dois caminhos a seguir quando viu que as quadrilhas inutilisavam inteiramente o seu governo parlamentar: ou demittir-se ou assumir a serio a dictadura. Demittia-se? Conservava o seu prestigio e a sua força. Mantinha-se como esperança. E voltaria ao poder. Assumia a dictadura? Então anniquilasse as quadrilhas. Sem contemplações. Sem dó nem piedade.

Evidentemente, o melhor caminho, o *unico caminho* mesmo, era o da dictadura. Sem um rei como D. Carlos, demittir-se seria o melhor recurso. Mas com um rei como D. Carlos a dictadura seria o *unico recurso.*

Não ha maneira nenhuma, nenhuma! de levar isto ao fim pelo caminho dos principios, das idéas, do parlamentarismo, da liberdade. Nenhuma! O paiz não tem educação para a liberdade e os partidos são verdadeiras oligarchias, verdadeiras quadrilhas, que não querem saber da liberdade. Apparecia um homem resoluto, o rei, resolvido, emfim, a iniciar vida nova, vida séria na politica portugueza? Apparecia um homem d'estado capaz de ser o executor e o collaborador d'essa idéa, ou o auctor, é indifferente, e o rei, então, o collaborador? Os dois juntavam-se, que é o importante, na mesma idéa, no mesmo proposito? Só a dictadura era viavel, como meio d'anniquilar, ou de lhe dar uma licção mestra, pelo menos, de o amansar para uns annos, o espirito de demagogia nas ruas e o espirito de quadrilha nos partidos. Só a dictadura era viavel! Era forçoso começar por ahi. O rei via muito bem. João Franco via muito bem. Castigar severamente a demagogia. Castigar severamente as quadrilhas. E em cima d'essa licção avançar então para deante.

O rei via muito bem. João Franco via muito bem. Mas nenhum d'elles soube ser o executor d'essa magnifica idéa. Nenhum! Ahi demonstraram uma insufficiencia, uma imbecilidade a toda a prova. Demais a mais sendo certo que lhes era escusado, inteiramente escusado, recorrer aos fuzilamentos, a esses espectaculos de *tragedia armada* a que a alma nacional não está acostumada. Porque é preciso não attribuir nunca a falta da pena de morte em Portugal á *brandura dos costumes*, isto é, a um *fundo de bondade*, dada a impossibilidade de o attribuir a *um espirito de civilisação.* Attribui-lo a um espirito de civilisação, tendo a Allemanha culta e civilisada, a Inglaterra culta e civilisada, a França relativamente culta e relativamente civilisada, os Estados-Unidos da America do Norte, etc., a pena de morte, seria ridiculo. Concordemos: seria altamente ridiculo. Por isso, os homens de mais senso já o não teem querido attribuir senão ao nosso *fundo de bondade.* Ora isto do nosso fundo de bondade é uma d'aquellas muitas phrases que se inventam sem nenhum fundamento, e que sem nenhum fundamento ou base séria tomam curso n'uma sociedade. Os francezes lembraram-se de dizer: *Les portugais sont toujours gais.* E os portuguezes lembraram-se de apregoar idiotamente o nosso *fundo de bondade.* Como se isto não tivesse sido sempre um povo de bandidos!

Não vivam de confusões. Não tenham confusões. Ponham de parte, de uma vez para sempre, as confusões. Vejam claro, que é a primeira condição de successo. Ninguem pode acertar sem ver claro.

Nós não temos estatisticas. Se as tivessemos ver-se-hia, estamos d'isso firmemente convencido, que isto é, entre os chamados paizes civilizados, o paiz em que se commettem *mais crimes no mundo.* Attendam, que é uma grande verdade. Estamos dizendo uma grande verdade. *Isto é o paiz em que se commettem mais crimes no mundo.* E crimes d'uma brutalidade espantosa. Demonstrando uma crueldade horrenda.

Não ha *nenhum fundo de bondade.* O portuguez não tem *nenhum fundo de bondade.* E' uma illusão, é uma phrase idiota, é uma affirmação desconchavada como tantas outras. Fundo de bondade, um povo que deu o espectaculo que se sabe em cima da morte de D. Carlos e de D. Luiz Filippe, um povo que rancorosamente pediu e pede a cabeça de João Franco, um pobre homem, afinal, que não fez mal a ninguem, um povo que faz causa commum com o Leandro, ou que a deixou fazer, e com os assassinos de Cascaes! Um povo sempre prompto a absolver e a exaltar todos os malandros e todos os patifes!

Não, não ha *fundo de bondade.* O que ha é espirito de quadrilha. Não confundam!

Nós não temos pena de morte, *porque não temos justiça.* Não confundam, não confundam! A verdade é esta. Nós, com *maior fundo de bondade* ou *maior somma de cultura, de civilisação*, que a Inglaterra, a Allemanha, a França, todas as nações de vanguarda onde se mantem a pena de morte, é ridiculo. Simplesmente ridiculo. A darmos a falta da pena de morte como uma prova... da nossa civilisação! Simplesmente ridiculos.

Nós o que não temos é justiça. Nenhum espirito de justiça. Não temos a pena de morte como não temos, a serio, pena nenhuma. Aqui não se mata em nome da justiça, mas mata-se em nome do banditismo. Aqui não se erguem patibulos porque os bandidos nunca foram dados a esses espectaculos. O bandido descarrega um machado na cabeça do similhante, dá-lhe um tiro detraz d'um pinheiro ou d'um comoro, prega-lhe uma facada ao voltar d'uma esquina e está tudo acabado. Aqui absolvem-se todos os assassinos porque os bandidos nunca foram dados a condemnações de criminosos d'essa ordem. O bandido condemna lá nunca em tribunal outro bandido que matou? Aqui absolvem-se todos os assassinos porque um bandido nunca deu a menor importancia á morte d'um homem. Matou-se um homem? E não se mata um porco, um boi ou uma gallinha?

Aqui não ha pena de morte porque não ha espirito de justiça. Não havendo espirito de justiça não ha ceremonial de justiça. Não havendo ceremonial de justiça não ha tribunaes e não pode haver patibulo. A Boa Hora é uma espelunca, uma azinhaga, um antro. E' o *Pinhal da Azambuja*, como lhe chama o povo, e como chama a toda a justiça. Apropriadamente. O termo é proprio e expressivo. Não ha outro. A justiça portugueza é o *Pinhal da Azambuja.* Não tem templos nem ritual. Nunca os ha de ter.

Ora sendo este o espirito nacional, sendo isto assim, rigorosamente assim, João Franco nem precisava de recorrer ao espectaculo dos fuzilamentos regulamentados, das execuções como mandato de justiça. Teve a felicidade de apanhar a trama da conspirata do 28 de janeiro? Pois bem. Meia duzia de policias escolhidos *liquidavam* n'um abrir e fechar d'olhos os marechaes do elevador do Pelourinho. Resistencias... luctas... e prompto. Ficavam fuzilados em cinco minutos. Fuzilados á portugueza! Em alguma coisa ha de ser vantajoso o processo da bella terra portugueza! Fuzilados á portugueza! O mesmo com outros marechaes-bandidos que se pudessem apanhar em logar fixo. E o resto... fazia-se nas ruas, onde o que escapasse da metralha não escaparia de Timor.

E prompto. Acabadinho.

Não se fez isso? Foi o primeiro erro, erro fundamental, erro espantoso. Mas o segundo erro, e este ignominioso, foi demittir o ministerio em cima do regicidio. O primeiro erro, ao menos, não era ignominioso. Pelo contrario, podia-se justificar como um erro de *coração.*

João Franco *tinha coração,* como agora se diz, D. Carlos *tinha coração,*—pagou-o!—e não quizeram triumphar sobre um montão de cadaveres. Mas o segundo erro? Esse foi ignominioso. Um rei a ajoelhar deante dos assassinos de seu pae e de seu irmão! A fazer a apotheose d'esses assassinos, ou a consenti-la, e a fulminar os actos de seu pae com o cadaver ainda na frente dos seus olhos! Uma infamia como homem e uma infamia como rei. Ainda se fosse uma infamia vantajosa! Mas uma infamia asnatica, uma infamia desastrosa. *Nem honra, nem proveito.*

O ministerio devia, sim, ser demittido, mas como inhabil, mas por não ter sabido attingir o seu fim. O ministerio devia ter sido demittido, mas não para se finalisar e sim para se começar a dictadura! Então é que começava a dictadura. Entregava-se o governo ás mãos d'um homem que não só fizesse o que João Franco não soubera fazer mas que remediasse os erros tremendos que João Franco commettera.

Porque não succedeu isso? Porque as quadrilhas queriam *comer.* Porque, alem de quererem comer, tudo e todos ficaram a tremer. Então, como em 1891, depois da revolta do Porto, os monarchicos, como n'esse anno de 91 dissemos n'um livro que escrevemos, ficaram a tremer com medo dos republicanos e os republicanos a tremer com medo dos monarchicos. Tremeram uns dos outros. E a tremer teem vindo até aqui. Com a differença de que dá muito mais nas vistas a covardia da monarchia em face dos republicanos do que a covardia dos republicanos em face da monarchia. E por isso o *Manchester Guardian* tem razão, ou seja *assoprado* ou não seja pela especulação dos maioraes da grande quadrilha, para dizer que o throno portuguez *está a ruir* e que o sentimento do paiz é *insuperavelmente republicano.*

Tem razão. Por mais que os republicanos gritem que *triumpha a reacção* toda a gente vê que quem *triumpha são elles.* Elles é que mandam. Nunca se viu isso em paiz algum do mundo. Nunca. Mas vê-se aqui. E os extrangeiros teem razão para explicar esse facto pela circumstancia da monarchia estar tão fraca, tão combalida, tão doente, que já não tem forças para resistir ao *insuperavel sentimento republicano* do paiz.

Que os reaccionarios triumphassem comprehendia-se. Não são elles monarchicos? O que espanta é que triumphem, é que ponham e disponham os republicanos. E que elles põem e dispõem não ha duvida nenhuma. O incidente do bispo de Beja, mesmo a admittir que não assista ao bispo razão alguma, está longe de egualar as successivas abdicações que a monarchia em face das ameaças republicanas tem commettido. O governo obedeceu agora a uma imposição reaccionaria? Pois tem obedecido cem vezes a imposições republicanas.

O *Manchester Guardian* tem razão. Mas, evidentemente, isto não pode continuar assim. E porque entendemos que não pode continuar assim é que continuamos a pedir que se ponha termo a esta situação intoleravel.

Vença a republica ou vença a monarchia. Mas haja *governo a valer.* Governo republicano? Seja governo republicano. Governo monarchico? Pois então governo monarchico a valer.

Emfim, haja ordem, haja seriedade, haja decencia.

E' o que pedimos e é o que pedirá, comnosco, toda a gente de tino n'este paiz.

Demissão

Esperamos que a ordem do exercito a sahir, ou já sahida a estas horas, traga a demissão de official do exercito do director d'este periodico. Depois d'isso poderemos conversar com o nosso general, por signal que vem esplendido no ultimo numero da ILLUSTRAÇÃO do Silva Graça.

Esp'endido, o nosso general!

Mesmo bomsinho, o nosso general!

Deixa estar que has de dar ao Diabo a cardada!

Tu e outros tropas!

Louvado seja Deus, que já podemos malhar sobre os tropas como sobre toda a gente!

Maldita barbella, maldita barbella, que tantos annos nos pesaste!

UMA CONFERENCIA

Realisa hoje em Aveiro a sua conferencia o sr. dr. Egas Moniz.

Como se sabe, é uma cenferencia destinada a combater a influencia do clericalismo. Ora, como muitas vezes temos dicto, o clericalismo não constitue ao presente nem uma ameaça nem um perigo. A ameaça, o perigo, está na demagogia. E ai do paiz, ai dos destinos d'este povo, se os homens d'ordem e de bom senso não o reconhecerem!

A ameaça está na demagogia. O perigo está na demagogia. E' a demagogia que urge combater. A todo o transe. Por todos os meios. Por todos os processos. E, comtudo, é a demagogia que apparece em nome da *liberdade* a combater o clericalismo! Que se deixe illudir quem quizer. Mas, manifestamente, só os tolos ou os especuladores se podem illudir.

Em que demonstra o clericalismo a sua influencia? Como mostra elle ser um perigo? Em reagir contra os ataques violentissimos que lhe dirige a demagogia?

Nem se pode allegar, como motivo de excitação, o caso do bispo de Beja, porque já *muito antes* os *libaraes* andavam na sua furiosa propaganda.

Se o bispo de Beja respeitou, ou não respeitou, tanto quanto devia, as regalias do Estado, sabe-lo-hemos quando vierem a publico os documentos. Mas que elle, no fundo, tinha razão, é que não ha duvida nenhuma. A diocese de Beja andava em desordem completa. No seminario praticavam-se enormissimos abusos. Aquillo tudo era um escandalo. Uma grandissima pouca vergonha. Quem pode, clerical ou anti-clerical, religioso ou anti-religioso, devoto ou livre pensador, negar não só o direito mas até o dever que tinha o bispo d'intervir? Primeiro que tudo a ordem, a verdade, a razão e a justiça. Que se advogue a suppressão das dioceses. Que se peça a extincção dos padres e dos bispos. Que se arrasem os seminarios e as egrejas. Mas existem dioceses, seminarios, egrejas, padres, bispos? Então ha de haver ordem e moralidade n'essas egrejas e n'essas dioceses. Então os padres, os bispos, hão de ter a auctoridade necessaria para o exercicio das suas funcções, e hão de manter a ordem pelos principios admittidos para os outros e seguidos por toda a gente.

Eu já disse aqui, e esta verdade não foi e não pode ser contestada por ninguem, que comprehendo o revolucionario em materia religiosa, o atheu, o livre pensador, a chegar ao excesso de pedir a queima das egrejas e a morte dos padres ou dos bispos. E' um excesso inadmissivel. Até nos revolucionarios é inadmissivel. Toda a gente tem direito, e não só o livre pensador, a *pensar livremente.* Toda a gente tem a liberdade, e não só o *libaral*, de seguir o culto que quizer ou de não seguir culto nenhum. Mas que a paixão, o fanatismo, a cegueira do proselytismo ou o odio de seita leve até ahi o revolucionario, comprehende-se. Que dizer, porem, do catholico? Que dizer do crente? Como quer o catholico catholocismo sem o prestigio e a auctoridade do ministro do seu culto?

Mas não admittimos abusos, objectam os que andam ahi na propaganda contra o que elles chamam o clericalismo. Qual abuso? Quaes são os abusos? Onde estão os abusos? A primeira coisa é precisarmos bem onde começa e onde termina o abuso, actualmente, do clericalismo. Se se tratasse unicamente do caso do bispo ainda se poderia dizer, o que aliás não está provado: *o abuso foi o bispo proceder sem dar a menor satisfacção ao Estado, que lhe paga.* Mas se a campanha já era anterior ao caso do bispo?

Antes do caso do bispo, o que allegavam os jornaes da demagogia era que a rainha era devota em excesso. Era que a *Santa Carlota* e a *Santa Isabel* tinham accentuadas sympathias pelos padres. Era que o rei D. Manuel estava sob a influencia do jesuitismo. Era que o *Portugal* e a *Palavra* ousavam *repontar* com a demagogia. O *Portugal*, a *Palavra*, não tinham pelo Affonso Costa o acatamento preciso. O *Portugal*, a *Palavra* não ficavam submissos e calados perante as descomposturas do Cunha e Costa e do *Margarido.*

Este era o crime, o unico crime do clericalismo.

A rainha levava seu filho a entregar o poder ao patriarcha? Não. Quem foi presidente do conselho depois do assassinato do rei e do principe real foi o Makavenko, não foi o patriarcha. O Makavenko, o socio do Grandella nas grandes patuscadas, o companheiro d'orgias do Affonso Costa, aquelle deante do qual o famoso general Dantas Baracho cahiu de queixo, a sua demonstração favorita de ternura, no dia em que a sociedade solemnemente se reuniu para festejar o 69, isto é, o anniversario do mesmo illustre Makavenko.

A *Santa Carlota* e a *Santa Izabel* levaram o rei D. Manuel ou o governo a fazer processar o *Cornetim da Margarida* que as enche d'injurias, tenazmente, sem descanço, dia a dia? Não. O *Cornetim da Margarida* continuou a lançar insinuações infamantes sobre as damas da côrte e sobre a propria rainha.

A influencia jesuitica conseguiu que o rei D. Manuel e a rainha, decorosamente, decoro de homem e de filho, de mãe, d'esposa e de mulher, fechassem, désse lá por onde désse e viesse a succeder o que viesse, a porta do seu paço aos que, dizendo-se monarchicos, andaram colligados com os republicanos no trama de que sahiu a morte de D. Carlos e de D. Luiz Filippe? Não. O Alpoim entrou no Paço como quando incitava o rei assassinado a usar de todas as violencias contra os republicanos.

O *Portugal* e a *Palavra* exerceram tamanha acção com a sua propaganda que o sr. Egas Moniz, que vem hoje fazer a Aveiro a sua conferencia, fosse corrido quando declarou nas camaras que tinha conspirado contra o rei D. Carlos com os republicanos, sem que deixasse, ao menos, como os factos do dominio publico o attestam, de continuar a conspirar com elles depois do assassinato d'aquelle rei e de seu filho?

Não. Não e não. Então, quem influe n'este paiz? Quem manda? Quem domina? Isto é uma grandissima pouca vergonha. Isto é o maior dos desaforos. Mas que fazer, se o paiz, em vez de pegar n'um pau, fica de braços cruzados?

Logo vae o Maduro berrar alli, ao theatro, applausos ao senhor Egas Moniz. O Termónocú assopra hurrahs por baixo e por cima, como é o seu costume. E os outros... vão atraz do Termónocú e do Maduro.

Isto é uma grandissima pouca vergonha. Isto é o maior dos desaforos.

Em Portugal ha, sim, influencia clerical. Mas essa influencia clerical está nas leis. Nas leis feitas por esses que agora apregoam liberdade. Nas leis contra as quaes os republicanos nunca se lembraram, porque isso não era especulação nem derribava ministerios, de promover uma agitação nacional, séria e bem orientada, que desse em resultado a racional reforma d'essas leis.

Isto é uma grandissima pouca vergonha. Isto é o maior dos desaforos. O Affonso Costa leva os filhos á egreja. O Bombardino Rachado, o homem do berimbau, o *Calcinhas*, alem de levar tambem os filhos á egreja, beija, em signal d'acatamento e respeito, o anel aos bispos que encontra no caminho. O João Pinto dos Santos não quer jesuitismo... fóra de casa. Em casa, sim. Os padres de S. Luiz confessam-lhe a esposa e ministram educação moral aos filhos. O homem honrado, quando o interpellam, diz que se não fizer assim arrisca-se a privar o filho d'uma herança e que não tem esse direito. O Alpoim ainda n'outro dia pedia dispensa de magro á sexta feira e absolvição papal por se bater em duello. Mas como os padres repelliram o *toureiro de inverno* e os *buissas*, como os padres, por esse unico motivo alvejados e guerreados, gritam: *Fóra, especuladores*, como os padres, honradamente, clamam aos da benção do papa, aos dos beijos nos aneis dos bispos, aos que levam os filhos á pia baptismal e a receber educação moral dos jesuitas, para depois fazerem propaganda contra o clericalismo: *Ou carne ou peixe, ou por nós ou contra nós*, como os padres não acceitam esse jogo bifronte, como os padres, no seu plenissimo direito de cidadãos, não se querem acorrentar ao carro de triumpho dos nigromantes: *Abaixo os padres e viva a santa liberdade!*

E' o que logo vae dizer e clamar, alli, sob os hurrahs do Termónocú e os berros do Maduro, de tantos outros Termónocús e de tantos outros Maduros, o sr. Egas Moniz.

Que grande logro! Que grandissima pouca vergonha! Que enormissimo desaforo!

O que é a democracia n'este paiz!

Rectificação

O *Povo de Aveiro* sahiu no domingo uma verdadeira miseria. O artigo *Torre de S. Julião* trazia periodos indecifraveis. Verdadeiramente indecifraveis. Como estes: *Vê-se o viso a brilhar, a saltar. Vê-se o viso pesar. Não é um julgamento, é um leilão.*

Fiquem os leitores sabendo que o nosso revisor era litterato, era grammatico. Tinha fumaças de mestre em litteraturas e em grammaticas. E dizemos era, porque, felizmente para elle, foi para Londres... requisitado pelo *Times.*

Pois, apesar de tanta litteratura e de tanta grammatica, talvez por muita litteratura e muita grammatica, litteratura e grammatica de mais, vamos apostar... em como nenhum dos leitores nem elle foi capaz de perceber o que queria dizer *viso* n'quelle local.

Que grande ratão! E' cada um!... Elle é cada um!...

Não era viso. Era *oiro.* Ouviu o meu amigo lá de Londres? Era *oiro*, era *oiro*...

A carta relativa a João Franco sahiu sem indicação de terra. De maneira que ninguem sabia se os boatos referidos corriam na Patagonia, na Cochinchina ou em Alhos Vedros.

Era em Coimbra. Ouviu o meu amigo lá de Londres? Era em Coimbra.

Ai que cambada! Que cambada! Que nos ia dando com o jornal em pantana!

E como esses erros, duzias d'elles.

Um caso grave

Do sr. dr. Silva Monteiro, ex-juiz de instrucção criminal, recebemos a carta que se segue:

Sr. director do *Povo de Aveiro.*

Foz do Douro—Largo de Cadouços 37—18 de novembro de 1909.

Transcripto no *Portugal* de hontem, acabo de lêr uma local do seu periodico em que se noticia que no dia do attentado do Terreiro do Paço, estando um sujeito doente em casa, lhe appareceu um outro individuo a clamar: «mataram agora o rei D. Carlos»—respondendo o doente de repente, e dando um pulo na cama: «Ah valente Buissa» — e que sendo-me este facto narrado pelo proprio individuo que o ouviu, eu replicara que *"isso era uma coisa mito vaga,"* não chamando sequer ao juizo d'istrucção o doente que proferiu essa exclamação.

Não sei se o facto é ou não verdadeiro porque não tenho razões para acreditar ou duvidar da sua existencia; o que posso, porem, garantir, da maneira mais solemne e positiva, é que nunca tive d'elle conhecimento nem directo nem indirecto, sendo, portanto, absolutamente falsa a informação que deram a V. ácerca da minha intervenção no assumpto.

Pedindo a publicação d'esta carta e agradecen-

do desde já esse obsequio, subscrevo-me com a maior consideração

De V. etc.
José da Silva Monteiro

Esta carta foi recebida aqui, na redacção do *Povo de Aveiro*, sexta-feira. Escrevemos immediatamente á pessoa que nos informou. Não sabemos a resposta que virá. Mas é claro que, seja qual for, só a poderemos receber hoje, domingo, á hora do *Povo de Aveiro* andar nas ruas.

Entretanto, nós affirmamos *absolutamente* a veracidade do facto que narrámos. Só nos falta precisar um detalhe: quem interrogou o individuo em questão, foi o sr. dr. Silva Monteiro ou foi outro funccionario?

Que elle foi interrogado no juizo d'instrucção criminal, affirmâmo-lo nós. Cathegoricamente. Que elle disse o que nós relatámos, tambem cathegoricamente o affirmâmos. A differença está só n'isto: quem o interrogou?

Eis o ponto, agora, a averiguar. Quer-nos parecer que nos disseram que fora o proprio sr. dr. Silva Monteiro quem fizera o interrogatorio. Mas é possivel que n'esse ponto haja equivoco nosso. Suppomos que não. Mas é possivel. E, seja como fôr, dada a cathegorica affirmação do sr. dr. Silva Monteiro nós temos de suspender juizos e affirmações, que é o nosso dever, até chegar o resultado da consulta que fizemos á fonte d'informação.

O facto, porem, deu-se. Um sujeito soube que um outro, estando doente, deitado na sua cama, exclamara, dando um pulo, ao saber, minutos depois do facto se ter dado, que o rei D. Carlos e seu filho haviam sido assassinados: *Ah, valente Buissa!...*

O mesmo sujeito, surprehendido, contou o caso, o espantoso caso, em varios centros de cavaco da cidade de Lisboa. Isso foi aos ouvidos da policia e chamaram-no ao juizo d'instrucção criminal. E no juizo d'instrucção criminal; não só relatou o que fica narrado, como mais isto:

Que o mesmo individuo, o tal que estava deitado na cama, e que exclamou: "Ah, valente Buissa!..." lhe dissera em outro dia, então mais calmo: "Com tudo se contou, menos com a porta do Arsenal."

Repetimos: tudo isto foi relatado no juizo d'instrucção criminal, *que não deu importancia ao caso.* E estamos convencido de que ao proprio juiz, o sr. dr. Silva Monteiro. Mas se foi ao sr. dr. Silva Monteiro, se a outro funccionario da justiça, di-lo-hemos, com precisão, no numero immediato.

O preço do POVO DE AVEIRO avulso é de 20 réis.

Que grande malandro!

Mão anonyma, e muito agradecido lhe ficamos, envia-nos um boccado do farrapo indecente que nós tratamos por *Cornetim da Margarida*, com uma passagem marcada a tinta, para nos chamar a attenção, do dialogo travado no tribunal da Boa Hora, durante o julgamento do Leandro, entre o chefe Romão José Ferreira e o grande bandido que dá pelo nome de Cunha e Costa.

Muito obrigado ficamos ao anonymo. Sem elle, passava-nos inteiramente despercebida a audacia do grande patife.

Ora vejamos.

« O dr. Cunha e Costa prosegue, no entanto, a verberar o procedimento do chefe Ferreira, instando-o para que diga a verdade. E acrescenta:

— Se destruir aquellas latas, proclamo-lo não só o maior chefe, mas o maior mistificador...

O dr. Horta e Costa volve a insistir para que a testemunha seja instada. O advogado replica:

— V. ex.ª não me obrigue a dizer aqui, acêrca da instrucção criminal, o que não queria dizer...

E o chefe Ferreira começa, a seguir, por dizer que no juizo de instrucção criminal é absolutamente falso que se exerçam processos inquisitoriaes com os presos. E prosegue:

— Logo de principio pensei que o Eufrazio era uma victima do Leandro, mas não posso julgar porque tive pouca instrucção. Se meus paes tivessem sido mais ricos, talvez eu tivesse agora o prazer de me sentar ao lado dos srs. advogados... Mas meus paes eram pobres.

— *Pois eu formei-me á minha custa — diz o dr. Cunha e Costa — porque cortei as relações com meus paes aos 18 annos por causa da politica, e cheguei a viver com sete vintens por dia!...* »

Que grandissimo patife! Que chegou a viver com sete vintens por dia!

Ora a verdade é que a pobre senhora, que teve a desgraça de casar com esse tratante, que sem motivo nenhum a abandonou, sendo ella tudo quanto havia de mais dedicado e honesto, lhe dava *trinta mil réis por mez*, dezoito mil réis do seu ordenado de professora do Asylo d'esta cidade e doze mil réis que foi contrahindo como emprestimo. Trinta mil réis! Para o grande desavergonhado dizer agora que vivia... com sete vintens por dia.

Que sucia de tratantes, que tem este partido republicano portuguez!

Lagos

Escreve-nos o sr. José Nunes Sousa a pedir-nos para declararmos se sim ou não é elle o auctor das correspondencias de Lagos, ou o nosso informador n'aquella localidade.

O sr. José Nunes Sousa *nunca* escreveu coisa alguma de Lagos para o *Povo de Aveiro*, nem nunca nos deu a menor informação.

Esta é a verdade.

... á jarra!

Andam os quadrilheiros muito irritados por aconselharmos processos violentos. Mas não fazemos senão voltar contra elles as suas proprias armas!

A audacia com que estes bandidos *continuam* a julgar-se senhores absolutos d'este paiz! O atrevimento affrontoso com que estes pulhas *continuam* a suppor que tudo lhes é permittido, a elles, e nada é permittido aos outros! Pois isso não está reclamando a mais severa, a mais exemplar, a mais tremenda carga de pau? Pois ha outra maneira de os chamar á realidade? Não, não ha outra. A canalha está reclamando um *choque electrico*. Cada vez mais. Está-o reclamando instantemente. Os bandidos estão pedindo um *banho frio*. Que se está tornando *muito preciso, muito urgente, d'uma necessidade inadiavel*. E isso em linguagem vulgar chama-se *pau, bordoada, lambada, porrada*. Não tem outro nome.

Agora, aqui em Aveiro, n'uma coisa bem pequena, se está demonstrando o que dizemos. Vem ahi o sr. Egas Moniz fazer uma conferencia. Faz hoje a sua annunciada conferencia. Os *correligionarios* ou *alliados* do illustre dissidente limitaram-se a pedir para elle o direito de cada um a expor as suas opiniões?

Em Aveiro não ha dissidentes. Ou ha tão poucos que se pode dizer, sem exaggero, que, relativamente, não ha nenhum. Em Aveiro não ha regeneradores, os quaes, por serem do bloco, podiam prestar algum apoio ao conferente. Os republicanos, queremos dizer, os quadrilheiros que usam essa etiqueta, não vão alem de duas duzias. O sr. Egas Moniz, portanto, só poderia falar n'esta terra em nome da *liberdade*, da mais bem entendida e rigorosa liberdade, que não é a que sua excellencia anda prégando. Em nome do respeito devido a todas as opiniões, respeito que sua excellencia nunca teve, nem *nenhum* dos seus *amigos*, dos seus *alliados*, dos seus *correligionarios*. Em nome do direito que tem todo o homem a dizer livremente o que pensa sem offensa de segundos ou terceiros, direito que sua excellencia, nem os seus *amigos*, os seus *alliados*, os seus *correligionarios* jámais reconheceram a ninguem.

Appellaram agora, ao menos, para essa liberdade? Para esse respeito? Para esse direito? Invocaram agora, ao menos, a tolerancia dos contrarios, embora elles sejam a mais absoluta e escandalosa negação da tolerancia? Não. Não e não. O que diz o orgão dos quadrilheiros no districto d'Aveiro? Não é o Maduro, não é o Termónocú, mesmo porque elles, no fundo, são todos Maduros e Termónocús.

Todos Maduros! Todos Termónocús!

Mas não é o Maduro. Mas não é o Termónocú. E' uma gazeta que se diz *orgão da grande quadrilha do districto d'Aveiro*. Uma gazeta que impõe a todos responsabilidade. Todos os quadrilheiros da cidade e todos os quadrilheiros do districto são solidariamente responsaveis pelo que diz o *orgão da quadrilha*, como a propria gazeta se intitula, *no districto d'Aveiro*.

Ora o que diz essa *corneta*, esse pasquim miseravel, esse trapo repellente?

Diz isto:

"Não teem valor nenhum, os que ahi estão levantando estorvos a esta manifestação liberal. Nem valor nem força. Costumam, quando arremeçam (é claro que a grammatica é a do trapo repellente) a pedra, esconder a mão, mas sabemos bem onde está a mão. E' pois necessario que o dr. Egas Moniz venha, que a conferencia se faça. Sem receios, sem temores. Com confiança e desassombro. No theatro ou em outra parte. Em qualquer parte que seja, mas deve fazer-se, ha-de fazer-se, para d'uma vez para sempre arrancar a mascara a todos os hypocritas d'esta terra, a todos, a todos os reaccionarios, desde os da *Beira Mar* aos do *Progresso*, desde os do *Campeão*, até aos do Senhor dos Afflictos."

Quer dizer, a conferencia do sr. Egas Moniz tem um *unico caracter*: affrontar todos os adversarios em Aveiro da quadrilha republicana e da quadrilha dissidente. Tem um *unico fim*: mostrar aos adversarios da quadrilha republicana e da quadrilha dissidente que elles não teem valor nenhum n'esta localidade.

O que querem, depois d'isto, que se faça?

Pela nossa parte, não tinhamos levantado o minimo estorvo a essa *manifestação liberal*, nem n'ella, sequer, haviamos pensado. Mas o que querem, agora, que se faça? Ficam de braços cruzados os franquistas, os nacionalistas, os progressistas, e *os inimigos de todos os especuladóres e de todas as quadrilhas, que ainda são o maior numero e os de melhor quilate?* Consentem todos em ser desfeiteados, affrontados impunemente pelo Termónocú, pelo Maduro, pelos correligionarios e amigos do Termónocú e do Maduro?

A questão está posta. O sr. Egas Moniz vem mostrar a esta terra, simplesmente, que quem pode tudo aqui, que quem tem força, que quem manda, que quem dispõe da opinião publica é o Termónocú, é o Maduro, é o Felix Telles de Meyrelles convertido á santa causa da republica, e são os correligionarios do Maduro, do Termónocú, do Felix Telles de Meyrelles.

Não ha duvida. A questão foi posta n'esses termos e muito nitidamente.

Pode lá ser!

Não pode ser em Aveiro e não pode ser em parte nenhuma. Quem estabeleceu o regimen da intolerancia e da violencia, quem *o tornou indispensavel*, foi a grande quadrilha. Foi a grande quadrilha a assassinar o rei e o principe real, a votar a morte de João Franco, a instigar dia a dia á morte de João Franco, a semear odios de morte contra a policia e contra a guarda municipal, contra os padres, contra todos aquelles que lhes contrariavam os processos ou que *ousavam*, bastava isto, ser d'opinião opposta. Bastava isto!

Quem estabeleceu o regimen da intolerancia e da violencia, *quem o tornou indispensavel*, foi a grande quadrilha a fazer o que a proposito da conferencia do sr. Egas Moniz está fazendo em Aveiro, isto é *a abusar da paciencia*, da tolerancia dos adversarios para os insultar, para os vexar, para apregoar forças que não tem.

Pode lá sêr!

O recurso está indicado, pelos principios mais elementares da logica e do bom senso. O caminho está naturalmente traçado, e foram elles que o traçaram. Traçado pela conveniencia individual, pela utilidade publica, e pelo proprio decoro individual e publico. O recurso, o caminho, é fazer o mais estreito cerco á grande quadrilha. E' não ter com ella attenções nenhumas, *absolutamente nenhumas*. As attenções, as delicadezas, as deferencias são para homens, não são para bandidos. E' dar-lhe a matar, é desanca-la por todos os meios, por todos os processos. E' não a deixar pôr pé em ramo verde. Cerco aos quadrilheiros! Não se compre um prego aos que venderem pregos, um pão aos que venderem pão, um arratel de assucar aos que venderem assucar, um lapis ou uma caneta aos que venderem lapis ou canetas, dez réis de linhaça aos que venderem linhaça. Não haja um favor, uma deferencia, um auxilio, *seja de que ordem fôr*, a esses bandidos.

Nos seus comicios, nas suas reuniões, nas suas manifestações, é apparecer-lhes sempre pela frente. Elles insultam? Tapona para cima d'elles. Emquanto se mantiverem no campo decente das palavras, opponham-se palavras a palavras, ou manifestações de desagrado a manifestações d'agrado. Mas em elles indo para o campo dos insultos e das affrontas... *porrada e agua á jarra.*

Força! E' dar-lhes! A canalha não se leva d'outra forma. A canalha interpreta sempre como fraqueza, como covardia, todos os actos de delicadeza e tolerancia. E quando suppõe fraqueza abusa logo extraordinariamente, como tem feito e está fazendo a grande quadrilha em Portugal. Força! E' dar-lhe! Nada de contemplações! Nada de tolerancias nem de respeitos com quem não tem tolerancias nem respeitos nem sabe comprehender tolerancias e respeitos! Força! *Porrada e agua á jarra!* Resistam-lhes por todas as formas! Façam-lhes frente em todos os campos! Appareçam-lhes por deante em toda a parte! Não tenham fraquezas! Não tenham desanimos! Sejam energicos! E terão vencido!

E terão vencido!

A quadrilha só tem força em Lisboa e ahi mesmo a irá perdendo.

Fóra de Lisboa não tem força nenhuma.

Animo! Energia! Mandem á fava os governos, corja sahida sempre da mesma fonte venenosa das quadrilhas politicas! Animo, energia, iniciativa, valor nos cidadãos! E os cidadãos empolgarão os governos, dando-lhes a energia que lhes falta.

Animo! Energia!

E o triumpho será certo.

O Calcinhas

Esta é de primeirissima ordem. Mas é elle! E' elle!

Ora oiçam:

Sr. director do *Povo de Aveiro*

A proposito do artigo do seu jornal de 14 do corrente, artigo que tinha o titulo—*O Bernardino e o general sr. Justino Teixeira*, permitta-me que conte um caso justificativo d'uma phrase d'esse artigo, ácerca da opinião que do Sr. Bernardino como ministro fazem os engenheiros opinião que vém expressa do seguinte modo:—*Verdade seja, porém que, do Sr. Bernardino, a opinião que deixou de si no ministerio e entre os engenheiros—"é que nunca entrou no ministerio das obras publicas um Calino de semelhante fôrça."*

Vamos, porém, ao caso, que me affirmam ser a expressão absoluta da verdade:—Era o Bernardino ministro e foi-lhe presente o orçamento das despezas do Caminho de ferro do Minho e Douro. N'esse orçamento ia uma verba de 60 contos, se me não engano, para carvão. Ora o ministro, o *actual salvador da patria e das batatas*, entendeu que aquella verba era demasiada e reduziu-a a 40 contos, se me não falha a memoria!

Como se os comboios podéssem andar sem carvão!!!

E' ou não uma tremendissima calinada?

A direcção dos caminhos de ferro que fez?

O que devia fazer seria ponderar ao ministro que era uma refinada asneira a reducção feita na verba do carvão. Se o homem não estivesse pelos autos em modifica-la, um mez antes de o carvão acabar tornaria á carga dizendo que o carvão estava a acabar e que os comboios parariam. Se ainda d'esta vez o ministro fizésse ouvidos de mercador, no dia anterior ao do carvão acabar, tornaria a dizer: «Se não manda carvão ámanhã paro os comboios.» E assim ficaria o publico sabendo *quem era o sapiente, o consummado economista* que o administrava.

Mas não procedeu assim a direcção. Gastou na compra do carvão a verba que estava destinada ao creosote para a creosotagem das travessas. E' claro que as travessas assim assentes, apodreceram ao fim de 6 mezes, gastando-se novo dinheiro com o assentamento e acquisição das novas travessas, o que, como se vê, foi de *extrema economia* para o Estado.

Veja por isto o publico as bellezas d'administração que nos esperam, se um dia esses redemptores da patria alcançarem as cadeiras do poder.

16-11-909

E. U.

E' elle!

E' elle mesmo!

O preço do POVO DE AVEIRO avulso é de 20 réis

Semana Lisboeta

A athmosphera

O tempo pessimo. Chuva a potes e de vez em quando fortes berros dos deuses do Olympo.

Burguezes com dores nos callos e donzellas sensuaes aborrecidas pela monotonia do ambiente. O sol esconde-se e não illumina as poderosas cerebrações que vegetam pelos cafés á procura de excitante que substitua o *astro radioso* do sr. Marinha de Campos que deixou de fazer parte da redacção da *Lucta*.

†

M.me Stteinheil e Leandro

Os juristas profissionaes e amadores discutem acaloradamente a absolvição de M.me Steinheil. Sobre o Leandro fazem-se apostas e joga-se o sopapo, e da *viuva tragica* diz-se em conclusão que é "felinamente fêmea" que eu substituiria por "felinamente"... Cautella!... ouvidos castos!...

†

Theatro

Abriu hoje a epocha de inverno e todo o bom lisboeta se encaminha, ás 8 e meia, para as casas de espectaculo, onde se representa, a par das mais boçaes producções de revisteiros sem merito, farças interessantes que fazem escancarar em sonoras gargalhadas o pacato burguez que a gotta atormenta, dramas importados da litteratura dramatica franceza e comedias allemãs, a vergonha do theatro germanico, obscenas e immoraes, que o espirito ganhão de traductores sem escrupulos e empresarios sem consciencia transportam para palcos portuguezes.

No D. Amelia foi esta semana a *première* do *Amor não dorme*, que é uma peça original, difficil de encorporar em qualquer genero de theatro, cheia de peripecias interessantes mas sem intenções sociaes, nem espirito moralisador. E' uma peça leve, para passar umas horas e interessar a futilidade lisboeta.

O desempenho é mediocre e harmonico na mediocridade. Não ha em todo elle, uma rajada de talento. Nem bem nem mal, antes pelo contrario...

O Normal continua fechado, para mal da panellinha que lá creou raizes e para bem da Arte nacional. Os comicos andam irritadissimos e não vêem geitos de abrir a casa, o que lhes compromette gravemente o negocio.

Depois d'alguns mezes de demora resolveu o governo dar á luz o famoso decreto regulador da situação dos comicos empatados, que aliás mais entupidos ficaram depois do laborioso parto governamental.

O decreto é uma mixordia que protege todo o mundo e não protege ninguem, não garantindo aos auctores direitos adquiridos, deixando os actores n'uma situação duvidosa e ambigua que de forma nenhuma agrada aos poucos intelligentes que na panellinha vivem.

Ferreira da Silva e Brazão recusaram-se a acceitar as condições do decreto e teimam em não ir gastar o melhor do seu talento debaixo d'uma tutella humilhante. Berra a imprensa, barafustam os auctores e gemem os comicos. Faz-se um barulho medonho e os astros não indicam solução proxima que a todos satisfaça. A fatalidade que de ha annos vem perseguindo o theatro do Estado exerce cada vez mais cruelmente a sua acção e sempre é verdade que o feitiço se volta ás vezes contra o feiticeiro, porque o trabalho feito por alguns dos comediantes que, no tempo da fallecida empreza Menezes & Ferreira, se occuparam em desacreditar o theatro que os sustentava e a empreza que lhes retribuiu com excessos de prodigalidade os mediocres serviços, está de pé e é difficil já fazer recuar essa formidavel corrente de opinião que votou o Normal ao mais absoluto ostracismo retirando-lhe todo o apoio.

O que o berço dá, a tumba o leva!...

Na Trindade e no Avenida vae o *Sonho de Valsa* e ambos se disputam a primazia. Entretanto, e digam o que disserem os entendidos, quem vae bem é a Etelvina Serra, da Trindade. Julio Camara canta bem mas representa mal. E os protogonistas do Avenida, Cremilda e Grijó, não conseguem egualar os interpretes da Trindade, não obstante os seus desesperados esforços n'esse sentido. Manda, porem, a verdade que se diga que a traducção da Trindade é irritante pela estupidez e se fizer rir um publico intelligente, o motivo é o mesmo porque uma poesia do Rosalino Candido faz sempre rir um poeta.

No Gymnasio peças velhas.

No Principe Real, faca e pistola, que o punhal é medievo.

E de theatro... por hoje basta.

†

Dona Moral

No Colyseu lucta greco-romana, lucta japoneza e lucta livre. Grande enthusiasmo e enorme concorrencia de senhoras e meninas da alta roda. E vem a proposito dizer que os luctador esse exhibem quasi nús. Entretanto continua a ser prohibido por moralisados papás ler romances do Zola... que são obscenos.

Ai, a Dona Moral!...

†

Simões Coelho

Sahiu a 2.ª edição do livro do sr. José Simões Coelho—*Quem é Ferrer*. Esta obra d'um actor que entra brilhantemente pelas lettras tem despertado grande interesse e não desmente créditos adquiridos. E' a critica e documentação da obra do pedagogista hespanhol fuzilado nos fossos de Montjuich em 13 de novembro passado. E sobre o mesmo assumpto acaba de chegar a Lisboa outra obra editada em Paris pelo *Comité de defeza das victimas da repressão hespanhola.*

†

Apaches

As gazetas noticiam a chegada a esta cidade de marmore e granito de 14 *apaches* legitimos exportados de Paris. E consta mais que um d'elles foi apanhado pela policia.

Mas um *apache* preso pela pittoresca policia d'este pittoresco paiz?

Tenham paciencia, mas não acreditamos em tanta gloria.

†

Pavorosa

Estão as tropas de prevenção e annunciam-se pavorosas. Entretanto correm as noites, e os dias, e a pavorosa não apparece.

Está Lisboa suspensa dos bananicos labios do sr. Presidente do Conselho.

Logo que se oiçam, ao longe, por volta da madrugada, os primeiros estrondos da metralha apressar-nos-hemos a dar ao *Povo de Aveiro*, pelo telegrapho, as primeiras noticias da aterradora revolução.

E até lá.

Menaltras

OUTRO CASO GRAVE

Que na Casa Pia, dizia na terça feira o « Cornetim da Margarida » *ha professores que ainda dão palmatoadas nas creanças.*

Que miseraveis! Que miseraveis!

Ora leiam o que se segue, e que nos enviam de Lisboa:

A Emilia d'Oliveira tem em casa um pequenito, filho do França, que é uma victima d'aquella megera. Deante do França beija-o, abraça-o, na ausencia bate-lhe como n'um cão, atira-o da cadeira abaixo quando elle não come a assorda; a creança vomita. — Ella, inclusivamente, quando o deita ao chão dá-lhe pontapés, e a toda a hora lhe dá bofetadas.

A creança está sempre cheia de arnica e alvaiade especialmente quando são horas de vir o França. A Emilia representa muito bem o papel de boa mãe adoptiva, mas, como sempre tem sido, é uma desequilibrada infame. Todos teem querido avizar o França e dizer-lhe todos os martyrios que aquella creança passa, mas receiam elle não accredite.

Espantoso! Espantoso!

Na casa Pia não se pode dar palmatoadas nas creanças. Mas na *segunda casa* do França Borges, do patriarcha França Borges, martyrisa-se uma criança pela forma que fica referida.

Quem escreve a carta convence-se, ou quer-se convencer, de que o Margarido ignora os martyrios infligidos ao seu proprio filho. Como? Pois o biltre não tem olhos? Pois o biltre não tem cabeça para raciocinar? Não vê a creança com *arnica e alvaiade?* Não se espanta da creança se *esmurrar*, a si propria, assim, a toda a hora? Não conhece o feitio da sua *segunda esposa?*

Um bando de patifes, é que é! Um bando de patifes que só conhecem e vêem o mal quando o mal é feito pelos adversarios.

Elles nunca fazem mal. O que é infamia nos outros é virtude n'elles. O infamissimo, o vilissimo Affonso Costa pode espancar a mãe. Espanca-la barbaramente. Quebrar-lhe os braços, que não deixa por isso de ser... um glorioso redemptor. Mas diz-se que um negociante franquista espanca a esposa, como no decantado caso do Chiado? Acuda a justiça a averiguar e a proceder com rigor! Com todo o rigor!

O miseravel Margarido pode matar o proprio filho, tyrannisa-lo, ou consentir que a amante lh'o mate ou martyrise, que não deixa de ser... um austero redemptor. Mas *ainda ha* professores na Casa Pia que deem palmatoadas nas creanças? Opprobio, vergonha, maldição sobre os professores da Casa Pia que ainda usam... palmatoria!

O Cunha e Costa abandonou inteiramente os filhos innocentes e a esposa honesta? Não deixa de ser o honrado tribuno da democracia!

Mas um homem pede separação da esposa prostituta, vilmente prostituta, quando tem noticia da sua desaforadissima e vergonhosissima prostituição? Da esposa prostituta, da esposa adultera que não quer saber dos filhos, que os abandona, que os deixa a cargo exclusivo do marido, o qual tem de os tratar, de os educar, de os alimentar? Aqui d'el-rei que a prostituta é uma santa e que só se fez prostituta porque o marido a *maltratava.*

Malandros! Infamissimos, vilissimos, sujissimos, repugnantissimos malandros!

Devemos advertir, para terminar, que procurámos informações sobre revelações da carta que ahi fica e que ellas confirmaram inteiramente, no ponto grave, isto é nos maus tratos á creança, as revelações recebidas. Só não nos souberam dizer, ao certo, se a creança era ou não era filha do França. Deve ser. E' com certeza. Se a carta é verdadeira nas outras partes tambem o é n'essa. Mas seja ou não seja, é positivo que ha uma creança em casa de Emilia d'Oliveira e que essa creança é martyrisada.

Com vista á policia de Lisboa.

O preço do POVO DE AVEIRO avulso é de 20 réis

Leandro

Recebemos a carta que se segue :

Sr. Redactor

As valentes *ripadas* que no ultimo numero do seu corajoso semanario foram applicadas aos julgadores dos *incendiarios da Magdalena* produziram, ao que se vê, excellentes effeitos, attenta a *decencia* que desde então se observa no tribunal onde os auctores e executores da horrivel tragedia estão prestando contas da sua crueldade. Na verdade, a *benevolencia* do presidente do referido tribunal perante as atrevidas *insolencias* de Alexandre Braga, e *petulantes ameaças* de Unha e Gosta, causavam certa extranhesa a quem estava habituado a considerar o Dr. Miguel Horta e Costa, como prototypo de uma austeridade e rigidez que ninguem ousava pôr em duvida. Só uma explicação havia para a *fraqueza e tolerancia* do integerrimo e distincto magistrado: o *medo* que a todos os funccionarios dignos incute a *jacobinagem acanalhada* por meio dos seus *canos d'exgotto* que o denodado «Povo de Aveiro» chrismou de *Cornetas do Diabo, Cornetim da Margarida*, etc.

Felicitando, pois, o bravo «Povo de Aveiro» por mais uma brilhante victoria alcançada sobre protectores d'assassinos, que insultam a justiça no seu proprio templo e, ainda sob o dominio dos vapores do alcool que absorveram nas espeluncas que frequentam de noite, vão para os tribunaes chamar *borrachos* ás testemunhas que *não querem mentir*, permitta-me que tambem offereça a minha *lata de gazolina* para atear a *fogueira moral* em que V. está a cauterisar os Leandros e outros quejandos republiqueiros.

A *absolvição* do futuro vice-presidente da *repulha-bombardina* está preparada de ha muito tempo, pois já em Outubro de 1907 dizia publicamente (nas Aguas de Melgaço) um *leandrista* affeiçoado á quadrilha incendiaria que só um obstaculo a contrariava: «O juiz Horta e Costa, *que não havia meio de se torcer*, mas que os adiamentos da causa se succederiam até que elle no fim de 6 annos fosse transferido de comarca».

Tal *leandrista* é de Villa Nova de Ourem e commerciava em madeiras, azeites, perus, etc., fazendo transacções com o *Leandro-mór*, de quem se dizia muito intimo; podendo, talvez, o seu nome (de que me não recordo) encontrar-se entre os dos *cavalheiros* que abonam as *bellissimas* qualidades do famoso exportador d'alhos, que parece ter perdido a memoria desde que ao seu advogado cortaram as azas de pomba avinhada que fazia do tribunal um bordel.

Se V. duvidar do que affirmo como dito pelo *leandrista* d'Ourem, posso indicar-lhe nomes de pessoas respeitaveis que, decerto, ainda se lembram do que ouviram.

De V.
Leitor M.to Att.

Amigo da verdade e da ordem.

Sim, era sabido. O que influiu, o que tem influido no espirito do juiz, não sabemos. Sabemos apenas que o seu procedimento tem sido de tal ordem que ... não se explica.

Esperavamos poder já hoje falar sôbre o resultado do julgamento. Que demora, que espantosa demora! Quem poderia imaginar que o julgamento não acabasse ainda esta semana?

Diz-se que não se deve dar opinião sobre os criminosos e o crime para não influir sobre o animo dos jurados. Admiraveis ... de pudicicia, estes ratões! E quem o diz? Entre outros .. o *Mundo*. Onde o pudor se foi anichar!

Sem duvida, é incorrecto dar opinião sobre criminosos e sobre crimes sujeitos a julgamento antes do julgamennto. Mas quem começou?

Esse principio tem de ser absoluto. Não o é? Apparece alguem a defender ou a condemnar? Exige a justiça, então, e é da maior conveniencia social, que se opponham razões ás razões dos que defendem ou ás razões dos que condemnam. Isto em todos os casos. Quanto mais n'um caso monstruoso como aquelle de que se trata.

Por todos os titulos, sob todos os aspectos monstruoso. Monstruoso, porque foi um crime dos que mais graves consequencias teem tido n'este paiz. Porque depois dos réos o terem confessado, procurou lançar-se sobre a policia a responsabilidade d'essa confissão como se nas repartições policiaes existissem as torturas da inquisição, ou como se qualquer instancia, por mais impertinente ou incommoda que seja, possa levar um homem que não matou a dizer que matou, que não roubou a dizer que roubou, que não incendiou a dizer que incendiou. Porque os jornaes, os advogados, com os seus reclames, os seus folhetos, as suas entrevistas denunciaram logo que andava n'esse caso dinheiro a rodos e se ha coisa que revolte é ver a justiça arrancar a venda dos olhos para conscientemente trocar a espada de Marte inflexivel pela bolsa de Mercurio malleavel e corrupto. Porque nas sessões escandalosas d'esse julgamento foram postas de parte todas as regras do bom viver, todas as convenções do respeito social, todas as normas, ainda as mais elementares ou corriqueiras, do ceremonial da justiça, começando, na figura das testemunhas, dos peritos, de todos ou quasi todos os figurantes d'aquelle triste julgamento, a perpassar, com a sua cara deslavada, com o seu riso escarninho, com o seu affrontoso desplante, Iago, Judas e Tartufo por deante dos olhos da gente. Porque no meio de tudo aquillo havia um bode expiatorio, porque ao lado do réo do crime commum surgia o velho réo do crime social, a pobreza escarnecida, a fraqueza vilipendiada, a miseria cuspida, e a todos os espectaculos d'artificio, architectados para enganar o publico, se sobrepunha um espectaculo d'uma realidade dura mas vibrante, d'uma verdade esmagadora, imponente, raramente visto, por isso mesmo surprehendente, magestoso: o crime a clamar — justiça, e o crime a ter direito, imperioso direito, á justiça.

Ah ... villões!

Nenhum discurso valeu, valerá, apagou, apagará, os gritos, as lagrimas, as exclamações, as apostrophes do Fernandes. Cada uma d'essas apostrophes, cada uma d'essa lagrimas, cada uma d'essas exclamações ou d'esses gritos encerrava um problema. O grande, o eterno problema da riqueza a esmagar e a cuspir a pobreza. Todo o jornalista que deante d'isso se calasse ... era um cumplice. Não praticava um acto de respeito pela justiça. Praticava um acto de collaboração na injustiça.

Não nos calámos nós e sentimos com isso um grande jubilo porque ficámos com a consciencia plena de ter cumprido um dever.

Estamos convencido de que o Leandro será absolvido. Toda a gente ou quasi toda a gente julga que elle será condemnado. Nós continuamos convencido de que será absolvido. Se o fôr, o Fernandes poderá dizer bem alto: *Sou uma victima*. O Fernandes poderá clamar: *Eu sou o ultimo elo d'essa cadeia do martyrologio humano*. Cerrando os punhos, poderá avançar até ao estrado do juiz e gritar-lhe face a face: *Estou innocente!*

Está, sim! Innocente, em face da sociedade criminosa, infame, vil!

Está, sim! O seu crime não será nada ... ao pé do crime da *justiça!*

Está, sim! E na sua cella da Penitenciaria verá então a enormidade, a espantosa e horrivel enormidade d'essa mentira ... *egualdade, liberdade, fraternidade!*

Verá Jesus erguer-se do Golgotha e atravessar os seculos sempre gottejando amarguras, sempre gottejando sangue, sempre gottejando lagrimas, .. de desillusão e dôr.

Mentira! Mentira!

O homem vive de mentiras ... e eis tudo.

Até que emfim!

Já estava impressa a primeira pagina quando chegou a Aveiro a ordem do exercito com a demissão d'official do exercito dada ao sr. Homem Christo, requerida ha mais d'um mez pelo director do Povo de Aveiro *e que sobre ella insistiu ao sahir da Torre de S. Julião da Barra.*

Sobre esse assumpto, e em resposta a varias cartas que temos recebido, publicaremos uu artigo no proximo domingo.

A Corja no Brazil

Escrevem-nos de S. Paulo e mandam-nos duas gazetas, uma chamada o *Estado de S. Paulo*, onde um bandido que nós muito bem conhecemos, o *Zé Barbosa*, vomita, em correspondencia de Lisboa, as *injurias da praxe* contra nós; e outra, um papelucho indecente, a que já aqui nos referimos, que se diz orgão do *centro republicano portuguez*, e onde um tal Carvalho, miseravel da laia do *Trinta* e do *Maduro*, ex-gatuno em Portugal, donde teve de fugir por actos de authentico grilheta, faz *pendant* ... com o Zé Barboza.

Ora ficam os dois para domingo, que hoje não temos tempo para os aturar.

O Zé Barboza! Já nos tinhamos esquecido d'esse bandido e elle fez muito bem em se lembrar.

Mas como nós os incommodamos, hein? Vamos lá, que temos essa consolação. Nem a canzoada do Brazil deixa de se atirar a nós. Raivosamente! Andam furiosos! Vê-se que lhes fazemos arder a serio as matadnras!

Uma dupla alegria. Teem-nos feito homem celebre no Velho e Novo Mundo e dão-nos especialissimo prazer com a certeza em que ficamos de que lhes doem devéras as nossas vergalhadas.

Nós conversaremos! Nós conversaremos!

Muito se incommodam comnosco ...

Muito se incommodau comnosco, os da quadrilha. Muito! Somos o seu pensamento dominante.

Como sangram, como sangram as mataduras! Porque tudo isto é o effeito das chicotadas violentas que lhes applicamos sobre as mataduras. Não é mais nada.

Olha lá, ó Margarido, quem foi que te disse que nos visitou o padre Fernando? Foi o Carrilho, hein? Foi esse piolho republiqueiro que a monarchia engorda na Torre de S. Julião da Barra, hein?

São impagaveis, os homens da monarchia.

Impagaveis! ... O que elles são é malandros. Elles são lá monarchicos! Nem monarchicos nem republicanos. São comedores. Só comedores. Olha agora o Alpoim monarchico! Então o Borracho — viva seu general, que já lhe podemos chamar Borracho sem ir para a Torre de S. Julião da Barra — então o Borracho não é tambem monarchico?

O Borracho tambem é monarchico!

Iamos, pois, a dizer, que os monarchicos são impagaveis, porque são exactamente os mais atrevidos agentes da quadrilha republiqueira qee elles apadrinham e protegem. Assim aconteceu com o Carrilho. O Carrilho é um piolho republicano. E como piolho republicano lá tem uma conezia... em S. Julião da Barra. Para fazer propaganda demagogica entre os sargentos, informar o *Mundo* e estar á espreita... do grande dia.

Foi o Carrilho quem te disse, Margarido, que o padre Fernando nos visitou?

Ora fica sabendo que não nos intrigas, nem nos incommodas, dizendo que os padres nos visitam, ou que os padres nos protegem, ou que os padres sympathisam comnosco.

Visitou, sim, senhor. Opadre Fernando visitou-nos. Quem não nos visitou foi o Carrilho, porque se nos tem visitado nós corriamo-lo pela escada abaixo a pontapés.

Nem o Carrilho, nem o Pechuga, nem o Zé dos Cordões, nem o Ribas d'Avellar.

D'esses é que lá não foi nenhum.

E sobre o piolho republicano conversaremos mais e melhor em outro dia.

GRANDES CANALHAS

Informam-nos de que o porquissimo Maduro, o tal que chamou p. á propria mulher e á propria madrasta, o tal que chamou c. ao proprio pae, o tal que se foi metter ultimamente com a mãe para a explorar, para sustentar a mulher á custa d'ella, o tal do retrato picado pela visinha que ludibriou infamemente, prepara contra nós uma *chantage* de nova especie.

Em *chantages* de toda a ordem, a nosso respeito, em garotices ignobeis anda elle, de sociedade com outros, ha muito tempo.

Assim, em Agosto ultimo trazia-nos de Lisboa um filho nosso, o mais velho, esta noticia curiosa.

Um litterato, muito conhecido na capital, recebe de Aveiro uma carta sobre coisas phantasticas assignada H. C. Intrigado com as iniciaes, mostrou a carta a um amigo nosso, auctor, por signal, d'um opusculo que anda agora ahi muito annunciado e reclamado, amigo que conhecia a nossa lettra, perguntando-lhe se seriamos nós o auctor d'aquella carta. Espantado com o assumpto, o amigo respondeu, todavia, que a lettra era nossa. Que sobre isso não tinha duvida nenhuma. N'essa altura vae a Lisboa o rapaz, a quem contam o succedido. O rapaz responde logo: «Meu pae não escreveu isso. Não pode ser o auctor d'essa carta.» Então sacam da carta e mostram-lh'a. O rapaz, assombrado, reconhece na lettra a nossa lettra. Era, rigorosamente, a nossa lettra.

Quem escreveu essa carta? Quem a mandou d'Aveiro?

Foi facilimo, por um conjuncto feliz de circumstancias, provar que a carta não era, não podia ser nossa. Mas a infame falsificação existia.

Quem era o falsificador? Quem havia de ser senão um grande malandro da pequenissima fracção que a grande quadrilha tem n'esta terra? Era o Maduro? Se não era o Maduro, sendo o Maduro capaz de todas as infamias, de todas as vilezas, das mais ignobeis porcarias, o Maduro estava, necessariamente, mettido na tramoia.

Já vê quem nos escreve a ministrar informação de nova e infamissima *chantage*, e já vêem todos, que os miseraveis são capazes de tudo. Não hesítam em recorer ás nltimas infamias. Ha grilhetas, cem vezes o temos dicto, muito mais dignos, muito mais honestos. Toda a escoria nacional, toda a tara criminosa e viciosa d'esta raça, todo o lodo em seculos formado e accumulado n'esta terra, se juntou no que por irrisão se denomina partido republicano portuguez.

De resto, toda a *chantage* posta a lume até este momento está reconhecida e demonstrada.

O que provou o miseravel em opposição áquillo que affirmámos? *Absolutamente nada.*

Provou que não era de dez contos de reis, simplesmente de dez contos de reis, a tal *grande fortuna* que tentou a nossa ambição?

Provou que essa mesma fortuna não estava compromettida e que, sem o nosso esforço, trabalho e intelligencia, ficaria, em parte, inteiramente perdida?

Provou que em logar d'irmos *roubar* os irmãos da mulher com quem casámos só lhes fomos, assim, dar a posse dos restos da sua herança, que ficaria, sem a nossa intervenção, ainda mais reduzida do que já estava?

Provou que esses cunhados não receberam *intacta* a herança, d'esse modo salva por nós das mãos dos credores de seu pae, que já estavam de posse d'ella?

Provou que não só não gastámos nas necessidades do casal, o que seria tudo quanto haveria de mais legitimo e mais honesto desde que não somos, nunca fomos, um extravagante. um perdulario, um vicioso, mas que não só não gastámos, dizemos, nas necessidades do casal, a legitima da mulher, mas que, pelo contrario, a augmentámos, pois que vale mais, muito mais, muitissimo mais, a nossa parte como socio na empreza industrial d'esta cidade a que já nos referimos, e a propriedade do *Povo de Aveiro?*

Provou que essa mulher não ostentasse luxo nos seus trajos, como durante annos toda a gente em Coimbra presenciou, não tivesse liberdade para passear, aproveitando-se d'isso para fazer toda a casta de pouca vergonha e indecencia, abusando escandalosamente da boa fé e ignorancia de seu marido, não vivesse n'aquella cidade, como toda a gente tambem viu, não só sem privações como até com todas as commodidades e abundancia, não existindo, pois, não podendo existir, nenhum dos *martyrios* que o miseravel e os miseraveis da sua laia agora allegam para justificarem a mais baixa e reles prostituição?

Provou que essa mulher foi arrastada por um sentimento nobre atraz d'um homem, e não por uma doença ou um vicio inveterado e profundo, que a levou á pratica de successivos e porquissimos actos de luxuria, o que não se explica nem justifica, não se pode explicar, não se pode justificar por *suppostos* aggravos ou irregularidades do marido, e que esses aggravos e irregularidades só eram inventadas, ou extraordinariamente exaggeradas, para explicar ou justificar aquillo que, á face da razão serena, d'um raciocinio recto, d'uma ponderação despida de todo o odio ou proposito de descredito, *não tinha, não tem, explicação nem justificação nenhuma?*

Provou que, no fim de contas, não foi o marido, o tyranno, o malvado, o vicioso, quem ficou na sua casa a trabalhar emquanto a mulher ostentava uma vida indecente d'ociosidade e de vicio? Não foi o marido, o tyranno, o malvado, o vicioso quem ficou a alimentar os filhos, a educa-los, a trata-los, emquanto a mulher, a do *sexo da ternura*, a do *coração sensivel*, a *victima do tyranno* os abandonava inteiramente, preferindo ao amor por elles o amor da luxuria e das orgias?

Provou lá nada, o miseravel! Provou só que era um digno *correligionario* do Cunha e Costa, do Margarido, do Arthur Leitão, do Padua Correia, de todos os bandidos. Provou só que era um gaiato sem vergonha, um birbante, um bilhostre, um pulha. Provou só que o partido republicano, justificando a mais desavergonhadissima prostituição, condemnando um homem que cumpria o dever social de tratar dos seus filhos, de os acompanhar, de defender os seus interesses contra tentativas de prostitutas e rufiões nojentissimos, era bem o partido republicano que exalta o cavalheiro d'industria, o gatuno Cunha e Costa, o trocatintas, o canalha que abandonava, sem piedade, uma mulher honestissima que o havia alimentado com trabalho insano e sacrificios de toda a ordem, e tres creanças innocentes, da mais infima edade. Que era bem o partido republicano que tem como generalissimo o Affonso Costa, o devasso Affonso Costa, o pulhissimo Affonso Costa que obrigava a mãe a servir as rameiras de registo com as quaes se entregava a bachanaes de fazerem estremecer de horror os Borgias na sepultura, partindo os braços á infeliz, que tivera a triste sorte de parir aquelle monstro, quando a infeliz mostrava pela miseria moral do filho uma repugnancia instinctiva. Que era bem o partido republicano que tem como marechal o Padua Correia, o qual ensaiava com os amigos a seducção da propria mulher para se entregar a amores incestuosos com a propria irmã. Que era bem o partido republicano que tem no seu estado maior aquelle famoso Trinta, que attentava contra o pudor da propria mãe. Que era bem o partido republicano que tem como director do seu mais querido e mais lido jornal o pulhostre que defórma o proprio filho, uma pobre creancita, nas mãos d'uma megera, sua amante, como hoje se relata n'outro local d'este periodico. O pulhostre, que depois de ter descido á espantosa abjecção de viver á custa d'uma dona de prostibulo, a Margarida, acaba por aquillo.

Partido de ladrões, d'assassinos, de *apaches*, de grilhetas, com perdão de tanto *apache* e de tanta grilheta que, na sua infamia, são mais dignos do que elles.

Isso é que ficou provado. Mais uma vez provado. Isso, e só isso.

Que ha de dizer, accrescenta o abjecto instrumento d'esses leprosos, d'esses chagados galerianos, de cuja immundicie o mundo afasta os olhos com horror, que ha de dizer, o torpe, que chamou p. á propria mulher, á propria madrasta e c. ao proprio pae, o bandalho que só serve n'esta cidade d'objecto de riso, e de nojo, juntamente, a todos os que teem o desprazer de dar com os olhos n'elle, que ha de dizer o que foi o tribunal onde por *unanimidade de votos* se condemnou o procedimento da mulher que o miseravel, tal é o seu espirito de repellente especulação e d'aquelles que o jogam como testa de ferro, ao mesmo tempo que tenta justificar e defender arrasta pelo lodo dos bordeis. Que has de dizer, bandalho? Que o teu amigo e correligionario, que foi n'esta cidade o procurador d'essa mulher, não indicou *livremente* os nomes dos tres membros que da banda d'ella haviam de constituir o conselho de familia? Que comprámos esse procurador e advogado e o outro que ella tinha em Lisboa? Que comprámos o juiz? Que o processo não durou mezes dando tempo a todas as allegações e a todas as defesas? Que comprámos esses tres membros do conselho de familia? Que repetimos aqui as infamias que os republicanos estão praticando no julgamento do Leandro?

Miseravel, miseravel! Grande miseravel! Grandes miseraveis!

E, feito isto, esperemos as *chantages* que se promettem seguir.

Uma coirata

Escreve-nos uma coirata, em francez, assignando-se *une femme republicaine française*, a dizer-nos que quando nos *rencontrer nons crachera à la figure.*

Está dicto, minha coirata. E, em resposta, levas uma *porrada á portugueza* que esperamos te deixe unitilisada de vez para o exercicio das tuas funcções ... no Beco do Monete.

Se julgas que por cá ha a paciencia do Asquith e outros da extranja que aturam todas as travessuras *ás tuas collegas*, estás enganada.

Vem cá *crachar*, vem cá *crachar*, e nós te arranjaremos.

Não vens. Todos *cracham* mas é de longe.

Parece que teem todos o presentimento de que ... *crachariam* por uma vez.

Ora a grande coirata!

A grandissima coirata!

E é isto, desde que a Rua Suja, a Viella da Netta e o Beco do Monete se passaram ... para o campo da *emancipação feminina.*

Agora é isto!

Sr. Homem Christo

Fiado em que o seu jornal está sempre ao lado da justiça e da verdade venho pedir-lhe que torne publico e corrente como entender o escandalo que se tem passado com as nomeações para 3.os aspirantes das alfandegas e a não publicação da classificação dos candidatos do ultimo concurso. Imagine V. que o concurso realisou-se em 22 e 23 de julho, isto é, ha 4 mezes e ainda não sahiu a classificação! Mais de 200 individuos aguardaram que os mandões da alfandega acabassem de tomar aguas por esse paiz fóra e julgavam que com a chegada do inverno se entregassem ás suas obrigações, mas nem assim. A classificação não sae nem a pau. *Em compensação* teem sido nomeados 3.os aspirantes individuos do concurso de 1905, cuja validade, *segundo a lei*, dura só 3 annos! Alguns dos agora nomeados tinham já a convicção de que não eram despachados, pois chegaram a propor-se candidatos ao concurso d'este anno ...

Isto é unico e dá bem a nota do que é o Teixeira de Sousa que publicamente se diz que vende os logares da alfandega.

Venha a classificação do ultimo concurso.

F. C. C.

LOTERIA
DA
Santa Casa da Misericordia de Lisboa

200:000$000 réis

Extracção a 23 de dezembro de 1909

Bilhetes a .... 80$000 réis
Vigesimos a .. 4$000 réis

A thesouraria da Santa Casa incumbe-se de remetter qualquer encommenda de bilhetes ou vigesimos, logo que seja recebida a sua importancia e mais 75 réis para o seguro do correio.

Os pedidos devem ser dirigidos ao thesoureiro, á ordem de quem devem vir os vales, ordens de pagamento ou outros valores de prompta cobrança.

A quem comprar 10 ou mais bilhetes inteiros desconta-se 3 p. c. de commissão.

Remettem-se listas a todos os compradores.

Lisboa, 8 de novembro de 1909.

O thesoureiro,
L. A. de Avellar Telles.

Lisboa, 15 de Novembro

Nas minhas cartas anteriores tenho patenteado a minha admiração pelo desassombro com que o director do *Povo de Aveiro*, brande o latego da Verdade—n'este meio abjecto, podre e cobarde, em que todos receiam dizer o que pensam e proceder como devem e muitas vezes sentem. Depois do regicidio principalmente; desde o cidadão particular á policia e d'esta até aos mais altos poderes do Estado, todos tremem perante o que elles chamam — a Rua — sem sequer pensarem um momento na facilidade de a dominar. Porque? Os particulares tem no egoismo a justificação do silencio; mas as auctoridades e a imprensa monarchica (?) que da lucta travada pelo *Povo de Aveiro*, não tem tirado effeitos politicos, prova á evidencia a ausencia do credo politico e a camaradagem com os inimigos apparentes. Não precisavam as *Novidades* acceitar os elogios do *Mundo* respondendo-lhe agradecidos, quasi promettendo-lhe apoio, não precisava o directorio do partido republicano manifestar o isolamento, ou a separação dos restantes partidos etc., todo o palavriado que tem dispendido não conseguirá desfazer a verdade esmagadora dos factos a quantos se detiverem um momento a recordar tudo quanto se tem passado desde a revolta de 31 de janeiro que matou o verdadeiro partido republicano, que foi substituido pelo que ahi ha; creado pelos monarchicos, para á sua custa cavarem a ruina do paiz, justificando todos os desatinos.

Parece um paradoxo, mas não é. A anarchia da rua ou a do Estado só se conservam, unidas e marchando uma ao lado da outra, explorando a victima dos dois — o povo. João Franco não transigiu, mas porque lhe faltou qualquer qualidade de estadista no momento opportuno; porque não *viu* ou se *viu* deixou predominar o coração sobre o raciocinio, foi vencido.

A continuação da vida do paiz em permanente anarchia, só se comprehende pela existencia em commum accordo da do Poder com a da Rua.

De facto só dois partidos existem o *acrata* e o nacional. O primeiro composto por todos quantos arruinam o paiz e o segundo por todos quantos quizerem vir a publico pelo paiz contra os governos que sabem ou não querem manter a sua soberania, atacando simultaneamente os falsos prophetas da democracia, que sob qualquer divisa e com titulos e palavrões sonoros são cumplices e agentes de taes governos. Mas onde ir organisar esse partido nacional? Não é tão difficil a resposta como á primeira vista parece. Ha homens de bem e patriotas por todo o paiz. Estão espalhados e é difficil agrupal-os; mas no paiz ha uma força disciplinada e forte que por dever e obrigação tem de evitar que Portugal seja dentro em poucos annos riscado do mappa da Europa. Essa força não pode ser indifferente e tem de se impôr porque condensa todos os interesses legitimos do paiz. Essa força é: — o Exercito Só o exercito pode salvar o paiz e só elle, porque alguns pensaram que alguns officiaes se manifestariam depois do crime de 1 de Fevereiro, fez tremer os agentes das oligarchias que por um momento acreditaram que nem a morte do Rei lhes daria o poder. Não somos cesaristas, bem pelo contrario, só comprehendemos para a boa administração, a supremacia do poder civil; mas quando esse poder é patriotico, e legitimamente exercido; porque entre o poder anarchico e desprestigiado com todos os beneficios que lhe queiram attribuir e o cesarismo disciplinado e forte, com todos os vicios que os que o receiam

lhe apontam; vamos por este recurso. A intervenção de um regimento ou do exercito a favor d'este ou d'aquelle partido seria realmente intoleravel. Isso seria indisciplina, seria tornar a lucta dos partidos impossivel e portanto o aperfeiçoamento governativo que só pela eliminação do fraco, do incompetente se pode conseguir; mas quem pode acreditar que em Portugal ha lucta dos partidos por principios?

Quem os não vê unidos e amparando-se constantemente?

No actual estado de coisas só *o Exercito* pode salvar o paiz. Não se pretende fazer predominar um partido sobre o outro; é preciso fazer, é preciso impôr os interesses geraes ás oligarchias obrigando-as a dispersar. *Só o Exercito* nos pode salvar. N'este paiz, como em todos, existe o crime. Todos os criminosos tem sido descobertos, ou os que o não tem sido, é tão diminuto o seu numero que não merece menção especial; só os crimes posteriores ao de 1 de Fevereiro que com elle mais ou menos se ligam se não descobrem!

No *deserto* do Terreiro do Paço, de dia, mata-se um rei e um principe e a julgar pelo que diz certa gente, parece que o Buiça e o Costa foram victimas innocentes dos transeuntes; porque Rei e Principe, teriam realisado a historia dos dois grillos que se comeram um ao outro dentro da gaiolla; matando-se mutuamente e nada se descobre, nem se sabe; ha o caso do engraxador, do Pad Zé que podiam ter sido *suicidados* — idem; contrabando de armas e cartuchame, — idem; o crime de Cascaes — aspas; etc., etc. até que agora no julgamento do Leandro se está desenrolando o espectaculo mais desavergonhado, de que ha memoria! O publico já conhece sufficientemente a comedia. Basta chamar-lhe a attenção para os defensores: *Unha e Gosta* e *Alexandre Braga*.

Como estes inclitos cidadãos zelam a justiça e advogam em tribunal! Oh! Moralidade, moralidade!

Ignotus.

Velhas opiniões

O artigo que se vae ler mostra mais uma vez que fomos sempre, com poucas mudanças, o que somos hoje. Para provar que o nosso combate ao partido republicano, ou antes, aos erros e aos desvarios do partido republicano, ás suas especulações, á sua falta de sinceridade, é tão velho como este jornal, temos transcripto numerosos artigos que não deixam a tal respeito a menor duvida. Os leitores teem vtsto.

Hoje vamos transcrever um que demonstra que os processos que defendemos actualmente são os processos que defendemos sempre. O rei D. Luiz viajava pelo paiz. Durante essa viagem visitou Aveiro. A garotada republicana, que era um pouco mais decente, ainda assim, do que hoje, fez uma pasquinada anonyma contra o rei. E nós, reprovando abertamente essa porcaria, diziamos, em 30 d'outubro de 1887:

Appareceu ahi na sexta-feira, covarde e anonymamente introduzido por debaixo das portas das casas da cidade, como covarde e anonymamente fôra feito, um papelucho, por isso mesmo indecente, em que o chefe da nação era insultado n'uma linguagem tão falta de senso como destituida de grammatica. Pois houve quem nos attribuisse a paternidade do porquissimo papel!

Soceguem os irritados e irritaveis monarchistas. Não é uma satisfacção que vamos dar ás suas irritabilidades. Não é tambem uma reprimenda á triste ideia que fizeram do nosso estado litterario, que suppunhamos não permittiria os desconchavos que encerra o papelucho, e dos nossos brios, que julgavamos provados. E' uma escovadela ás nossas botas de republicano com decencia, que as republicanices de taes republicanaceos poderiam ter sujado.

Não, não fomos nós que enjorcámos a proclamação pelintra. Primeiro, porque nunca a nossa penna se molhou no tinteiro dos covardes. Quando queremos escrèver alguma coisa, muito violenta ou pouco violenta, insultuosa ou não insultuosa, é para que todo o mundo saiba quem foi que a escreveu. Segundo, porque nunca fômos salteador, ou da honra ou da deshonra alheia. Nunca ninguem pelas trevas, onde não haja responsabilidade, nos viu erguer o punhal do miseravel sobre o viandante que passasse, ainda que esse viandante fosse um torpe. Terceiro, porque o que nós dissémos uma vez fica dicto para sempre, e nós já tinhamos dicto a maneira de se receber o rei.

Não senhores; arredae a vossa baba que acima d'ella está a dignidade que presamos. A nossa tribuna publica é esta do jornal. Quando necessitamos de dizer alguma cousa, subimos á tribuna e dizemo-lo.

Não senhores; que nós sempre preferimos discutir principios a discutir o rei. E os que discutem só o rei, são os grandes miseraveis que tanto pregam hoje a revolução, como mendigam um osso nas secretarias d'estado, como defendem ámanhã as fusões republicanaceas.

Não senhores; que emquanto o rei fôr a consagração do maior numero, como tal se ha de impôr ás minorias, que, se não teem acatamento pelas virtudes que lhe faltam, hão de ter a deferencia indispensavel ás suas fnncções publicas.

Esta é que é a boa e aprofunda educação politica em todos os povos que pensam e que trabalham. Se a não teem esses biltres, que nem ao menos vêem a cortezia com que os monarchicos francezes tratam o presidente da republica, esses biltres que nem por o seu esbravejar contra o chefe do Estado teem deixado de inutilisar a democracia em Portugal, ha muita gente que a tenha no partido republicano portuguez.

Fiquem n'isto os que já nos deviam conhecer.

Quereis indagar do papelucho? Olhae-lhe para o typo, para o papel e para a fórma e tereis sabido d'onde veio. Reparae, em roda, nos garotos que pullulam na cidade e tereis conhecido quem o distribuiu. E d'esse modo nunca mais confundireis os que escrevem á luz do dia com os que sujam a imprensa com miseros anonymos. Se os abusos da imprensa, ainda os maiores, merecem a benevolencia de todos, não merece o minimo respeito nem a minima contemplação o salafrario que escrevinha sem respansabilidades.

Temos dicto.

Fomos sempre a mesma coisa. Nunca applaudimos os processos do Margarido e do *rei dos ladrões*. Já se sabe que rei dos ladrões é o Affonso Costa. Não os applaudimos hoje e não os applaudimos nunca.

*

Sr. Redactor d'*O Povo de Aveiro*.

Venho chamar a attenção de V. para um artigo intitulado *Grandes Canalhas!* inserto no *Povo de Aveiro* n.º 1334 de 14 do corrente, no qual, entre outras apreciações, se fazem referencias ao Oliveira da Tentadora, o *lindezinhas*.

Ora, sendo o meu estabelecimento de modas ha mais de vinte annos denominado "A Tentadora„ e, dando-se a coincidencia d'um crime muito recente, praticado por um individuo de appelido Oliveira e cuja casa fica contigua á minha, nada mais natural do que estabelecer-se um equivoco bem pouco lisongeiro.

N'esta conformidade, peço a V. a fineza d'uma prompta rectificação para evitar suspeições a quem não conhece o meu nome individual.

De V. etc.

Casa A Tentadora.

Porto, Rua dos Clerigos n.º 30, 17-11-909.

Seu assignante
Julio Augusto de Carvalho.

Escusado é accrescentar que não nos referiamos ao sr. Julio de Augusto de Carvalho, nem á sua casa *A Tentadora*.

E apanhe lá este reclame de graça. Que feito pelo *Povo de Aveiro* tem seu valor.

VÁRIA

As Ptomainas

As ptomainas que proveem da decomposição das materias organicas são muitas veses muito toxicas. Quando pertencem á cathegoria chamada microbiana, podem occasionar doenças graves como o tétano. E' preciso, pois, tomar as maiores precauções contra esses factores de intoxicação. Por emquanto a sciencia não conhece profundamente o assumpto. Sabe-se, apenas, que no peixe, na carne, se desenvolvem uns certos venenos quando não estão frescas. Todas as cozinheiras o sabem. O que não sabem é que os mesmos venenos existem n'outras substancias e de caracter tão grave como os venenos da carne e do peixe. Por exemplo, nas batatas. Em muitas casas cozem-se batatas d'um dia para o outro, ou aproveitam-se batatas de vespera. Ora isso constitue um perigo serio. A batata n'esse estado é um excellente meio de cultura para diversos microbios, entre outros o *bacillos proteus*, tão terrivelmente toxico que pode causar a morte.

As batatas com pequenas manchas, na apparencia inoffensivas, mas que são indicios de decomposição, quando se misturam n'esse estado com carne picada são terreno de cultura para o *bacillus vulgaris*. Portanto a cuzinheira deve-se abster de guardar batatas depois de cozidas. As batatas devem ser comidas logo que se cozem.

—†—

Edições allemãs

A industria allemã, que tem batido em tudo a industria franceza, acaba de triumphar d'ella em obras de livraria. As edições allemãs são explendidas, sobretudo as da casa Hoffmann, Stuttgart. A belleza do papel, a disposição typographica, a clareza e precisão dos caracteres, bem como as encadernações, attingem uma extraordinaria perfeição.

Um jornal francez, apreciando, diz:

"Decididamente a nossa livraria, que se queixa de que os negocios vão de mal a peor, deveria abandonar a antiga rotina e *refazer* os livros elegantes que foram outr'ora honra e gloria da edição franceza.„

—†—

O theatro na caserna

Jean de Mayerhoffen lembrou-se em França de fazer distrahir os pobres soldados indigentes, que não teem dinheiro para ir ao theatro, creando theatros nos quarteis. Para isso dirigiu-se ao ministro da guerra, que approvou a idéa, e pediu o auxilio dos escriptores dramaticos, dos jornalistas, dos actores, e dos politicos. Já conta com a adhesão de Brieux, Charpentier, Victor Margueritte, Harancourt, Messimy, Mascurand, Raul Meunier, etc.

Quem de tal se lembrasse em Portugal seria apontado... como doido.

—†—

Joanna d'Arc e a Inspiração na Historia

Edouard Schuré fez em Srasburgo, deante d'um auditorio selecto e numeroso, uma conferencia sobre Joanna d'Arc e a Inspiração na historia. Edouard Schuré não encara Joanna d'Arc pelo prisma de Anatole France. Segundo elle, a inspiração tem sempre um caracter rapido. E' d'origem mystica e só assim pode ser a mãe do heroismo.

—†—

Reforma agraria na Hungria

O parlamento hungaro estuda n'este momento uma importante reforma agraria.

Trata-se de dar a todos os cidadãos hungaros em condições de se entregarem á lavoura os meios d'adquirirem terras para isso. Onde existirem terrenos incultos, o Estado cria aldeias de 1:200 hectares, pouco mais ou menos. Esses 1:200 hectares são divididos em lotes de 4 hectares, o preciso para nutrir sufficientemente o cultivador e sua familia. Independente d'isso, reservar-se-ha uma extensão de 200 ou 300 hectares para o estabelecimento d'uma quinta modelo, cujo proprietario occupará na nova colonia uma situação dirigente sob o ponto de vista intellectual e social. A vigesima parte do terreno será reservada para estradas, ruas, egrejas, escolas e outros trabalhos d'utilidade publica; outra parte para pastagens communs.

As terras necessarias para estas aldeias serão adquiridas: 1.º Comprando o Estado propriedades voluntariamente postas á venda para esse fim; 2.º consagrando a esse destino terrenos que a elle, Estado, lhe pertençam; 3.º expropriando o Estado grandes propriedades ruraes. Alem d'isso o Estado terá o direito de primeiro comprador de todas as grandes propriedades que forem postas á venda. Os possuidores de boas terras araveis serão convidados a cede-las ao Estado em troca de terrenos arvorisados, na extenão que for porcional. O Estado encarregar-se-ha dos primeiros tratamentos a dar ás terras antes d'ellas serem entregues aos seus novos proprietarios. As auctoridades examinarão se os individuos que querem adquirir as terras teem a capacidade necessaria para isso, e se dispõem dos recursos indispensaveis para a compra de instrumentos de lavoura. Favores especiaes serão concedidos aos que tiverem emigrado para a America e quizerem regressar ao seu paiz.

Todos os pequenos proprietarios d'estas novas colonias ficarão isentos d'impostos durante os oito primeiros annos, de maneira a facilitar-se-lhes a sua missão. O Estado reserva-se, no emtanto, o direito de readquirir os terrenos, no caso d'essa medida se impor pela incapacidade ou a indignidade do colono, se o colono não as tiver já pago, é claro, pois que os terrenos, como é de vêr, não são concedidos gratuitamente. O estado favorece a sua acquisição em excellentes condicções e por um preço minimo, com pagamento a longo praso, mas não as cede gratuitamente.

As despezas d'este notavel emprehendimento estão avaliadas em 150 milhões de francos (27 mil contos de réis) que serão fornecidas pelo Estado e que servirão, por um lado para a compra das grandes propriedades ruraes, por outro lado para os abonos feitos aos colonos para a construcção de casas, assim como para a creação d'escolas e edificios publicos, para o melhoramento do solo, etc. Esta somma será coberta pela emissão de bonus do thesouro, que serão negociados na bolsa de Budapesth.

O governo espera, com este projecto, deter na Hungria uma grande parte dos hungaros que vão procurar fortuna na America.

—†—

Pela higiène da raça

Acaba de se fundar na Inglaterra uma nova sociedade, com o fim de defender o futuro da raça exercendo uma influencia methodica e provada sobre a procreação dos filhos.

Individualidades eminentes sob o ponto de vista scientifico ou social se encontram á frente d'essa sociedade que creou um orgão na imprensa, *Eugenics Review* e começou já a fazer intensa propaganda em todo o paiz.

O fim pratico e immediato da sociedade é impedir os casamentos entre individuos com temiveis hereditariedades que transmittirão aos filhos, principalmente as hereditariedades syphiliticas, tuberculoses, alcolicas e idiotas. A sociedade espera obter o seu fim não só pela acção legal mas sobretudo por uma acção directa sobre a opinião publica, sobre os proprios pretendentes ao casamento. Tentará, alem d'isso, realisar em largas bases uma educação do amor e do casamento, de maneira a augmentar cada vez mais o numero das uniões com todas as probabilidades de darem bons fructos.

—†—

A lucta contra a tuberculose na America

Uma obra ultimamente publicada pela *Russul Sage Foundation* fornece-nos dados interessantes sobre a obra do combate á tuberculose emprehendida nos Estados Unidos e no Canadá. Existem actualmente n'esses dois paizes 250 Sanatorios para tuberculosos, comprehendendo 14:014 leitos. D'esses 250 sanatorios só 14 pertencem ao estado. Os outros são todos d'iniciativa particular. Só ha dois annos para cá se começou a tratar dos dispensarios e já existiam no anno findo 158, dos quaes 123 fundados desde o 1.º de janeiro de 1907 até ao mez d'agosto de 1908, isto é, no espaço de 19 mezes. Uma instituição curiosa é a das classes para tuberculosos, que procuram, como os dispensarios, exercer sobre os doentes uma influencia educadora, a fim de diminuir os perigos do contagio. Para esse effeito realisam-se regularmente, e em regra uma vez por semana, reuniões nas quaes os doentes e os membros das suas familias recebem do medico que dirige essas classes conselhos sobre todas as questões relativas ao tratamento e ás medidas preventivas, ao que se juntam visitas a casa dos propios doentes. Ha 23 classes d'este genero.

Acima de todos estes estabelecimentos e instituições encontram-se as sociedades para a lucta contra a tuberculose, que são as verdadeiras forças d'este movimento. Havia 195 d'esses sociedades.

—†—

O Nicotismo nas creanças

Sob este titulo publica o dr. Ferriani, na revista *Les Documents du Progrés*, um artigo por muitos titulos interessante.

"Muito antes de ter apparecido o ultimo livro do doutor Come, professor na Universidade de Lausanne, sobre "O nervosismo nas creanças„ (*La Nervosité chez les enfants*) me occupei eu do nervosismo infantil n'um estudo publicado em 1902 na grande revista italiana *La Nuova antologia*, estudo que, mais desenvolvido, figura n'um dos meus ultimos volumes intitulado "Os crimes da sociedade„ (*Les crimes de la société*). N'esse estudo conservava eu entre as causas do nervosismo infantil o uso do tabaco.

Esse uso, ou, antes, esse abuso, de tal modo se espalhou, especialmente na Italia, na França, na Allemanha, na Hespanha, que me parece um dever tratar a serio tão grave problema. Dirijo-me, sobretudo, aos educadores. Que se lembrem de que o uso do tabaco produz nas creanças males muitas vezes irreparaveis, se esse vicio não é promptamente e energicamente combatido desde o principio. Empobrece o physico, torna a intelligencia obtusa e priva a alma de toda a a energia sã; é, por seus effeitos, irmão do onanismo; determina perturbações que tomam bem depressa formas chronicas, formas incuraveis, e que, mais ou menos lentamente, segundo a maior ou menor resistencia do individuo, minam todo o organismo da creança.

Esse vicio tem tomado enormes proporções no mundo das creanças, principalmente nos grandes centros, e é urgente combate-lo, porque prejudica o desenvolvimento do jovem ser tanto como o uso do alcool. Mas é preciso sobretudo prevenir o mal, e, quando existe já, tentar arraca-lo antes do organismo estar intoxicado.„

O dr. Ferriani continua o seu interessante artigo demonstrando, entre outras coisas, que as creanças começam a fumar quasi exclusivamente por *espirito d'imitação*, para *parecerem homens*. E' a razão capital. E assim, por esse futilissimo motivo, adquirem as doenças conhecidas pelo nome geral de *nicotismo*, e que são de natureza gravissima. O dr. Ferriani examinou 200 jovens fumadores. D'esses só quatro começaram a fumar por lhes agradar o cheiro do fumo. Os restantes, 196, foi para *imitar os homens*. Os effeitos da nicotina sobre as 200 creanças foram estes: 9 ficaram affectados de nyctalupia, 23 attingidos de doenças gastro-intestinaes, 15 de vicios cardiacos, 32 de inquietação, irascibilidade, 110 de apathia, desgosto, rebeldes ao estudo, 6 com a mania do desprezo e 5 menos theoricos.

O Povo de Aveiro

Vende-se

Aveiro—Kiosque Souza, Praça de Luiz Cypriano.
LISBOA—Tabacaria Monaco, Rocio; Kiosque Elegante, Rocio; Tabacaria Neves, Rocio; Tabacaria Marécos, Rua do Principe 124, em frente do Avenida Palace; Tabacaria Felisminо Paulo, Rua da Prata 205-207; Tabacaria Ingleza, Praça do Duque da Terceira (Caes de Sodré) 18; Antonio Loureiro, Calçada da Estrella, 59; Tabacaria Batalha, Calçada da Estrella 15; Tabacaria Portugueza, rua da Prata, 16; Tabacaria Rafael dos Santos, rua do Ouro, 124; Tabacaria Bocage, Praça de D. Pedro 36; Haveneza Central, Praça de D. Pedro, 59; João Teixeira Frazão, Rua do Amparo, 52; Alfredo Lourenço de Sá, Rua do Livramento 103; João Duarte, rua do Campo de Ourique, 95, 97; Kiosque Oriental, Praça Duque da Terceira. Tabacaria Viegas, Rua dos Royaes de S. Bento, 102 104.
PORTO—Tabacaria José Teixeira, Praça de D. Pedro, 9 e 10; Tabacaria Vieira da Cruz, rua de Santo Antonio; Kiosque da avenida superior da ponte de D. Luiz I; Tabacaria Alberto Ferreira, rua Alexandre Herculano, 256. Carlos Alberto Guimarães, Rua formosa, 251.
MATTOSINHOS—Agencia Lusitana, Rua Roberto Ivens 100
COIMBRA — Tabacaria Central, Rua Ferreira Borges 27; Casa Feliz, rua Infante D. Augusto.
ALCOBAÇA—Antonio Vazão.
GOUVEIA—Manuel A. Manta, Rua Braamcamp
CABEÇÃO—Luiz Vieira da Silva.
PORTALEGRE—João Gervasio Coelho, Largo da Sé.
VENDAS NOVAS—Joaquim Maria de Andrade—*o Varino*.
SETUBAL—Manuel Tavares.
ARRONCHES—Miguel Maria.
ESPINHO—Kiosque Reis.
MOITA DO RIBATEJO—João Baptista Moura.
VIZEU—Kiosque do Rocio.
CHAVES—Annibal de Barros.
VILLA REAL—Agengia de Publicações de Antonio de Neute C. da Mesquita.
MANGUALDE—Bento d'Almeida Campos.
MONTE ESTORIL—Gare.
S. PEDRO DO SUL—José Augusto d'Almeida.
FÁRO—Francisco Matheus Fernandes.
EVORA—Marcelino Anthero Calça, Rua da Sellaria 19-21.
CASCAES—José Jacintho D. Cabral, Tabacaria Aurea.
VILLA NOVA DE BARONEA—José Custodio Figueiredo.
CORTEGANA, Alemquer—João dos Santos Pereira.
REGUENGOS DE MONSARÁS—R Antonio João da Cunha.
PADERME—ALGARVE—Antonio Anacleto d'Oliveira,
TORRES NOVAS—João Rodrigues Sentieiro.
AMARELEJA—MOURA—Manuel Frade.
CASTELLO BRANCO—Vende-se pelas ruas.
MONTEMÓR O NOVO—Fortunato Reinato.
TONDELLA—Mario do Carmo.
PEDROGAM GRANDE—Adelino Lourenço. dos Santos.
IDANHA A NOVA—Christiano Pereira Barata.
GUIMARÃES—Antonio Araujo Salgado.
BRAGA—José Gomes da Silva, Campo de S. Thiago, 24.
TABOA—Francisco da Costa Carvalho.
MONSÃO—João da Silva Guimarães.
FIGUEIRÓ DOS VINHOS—Antonio Augusto Brito.
PINHEL—Estabelecimento de D. Josephina da Silva Torres
VIANNA DO CASTELLO—No estabelecimento de Boaventura José de Carvalho.
LAMEGO—Joaquim Valente.
CASTELLO NOVO (Beira Baixa) João Pereira dos Santos
Elvas—Luiz Samuel da Silva.
Povoa—José Couto Segundo,
Agueda—Leonel da Silva Canario.
Covilhã—João Pedro Saraiva.
Figueira da Foz—João Palhas, Mercado n.º 8.
Santa Cruz da Graciosa—Antonio Ernesto Esteves.
Fundão—Manuel Gonçalves.

BRAZIL

RIO DE JANEIRO—Centro de Publicações de Geonlorenzo; Celtins, Travessa do Ouvidor.
MANAUS—Agencia Freitas.
BELEM DO PARÁ—Centro de Publicações.

Tinturaria a vapor

Nettoyage et Degraissage à sec, de *tous les vêtements et ameublements*

Tinge e limpa sem desmanchar todos os artigos de vestuario e mobiliario.

LA PARISIENNE

Tinge, limpa e friza PLUMAS.
Limpa e tinge *luvas*, *tapetes reposteiros*.

Fabrica e Escriptorio—**Rua Costa Cabral, 489**—PORTO.

SUCCURSAL

383—Rua Formoza—385

[Em frente da PHOTOGRAPHIA BIEL]

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA
— DE —
Albino Pinto de Miranda
LARGO DE MANUEL MARIA
AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Serviços completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e extrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chouriços do Alemtejo e banha da terra, *Chumbo, cartuchos e mais appetrechos para caça*, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc., etc., etc.

Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A **450** E **360** REIS. A DUZIA e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

TRABALHOS COMMERCIAES

Typographia a vapor
DE
O POVO DE AVEIRO

N'esta typographia, montada com material extrangeiro de primeira ordem, todo o typo commum da casa *Bauer & C.º*, de Stuttgart, todo o typo de phantasia da mesma casa *Bauer* e da casa franceza *Turlot*, orlas e vinhetas decorativas *Turlot*, *Berthol*, de Berlim, e de *Klinkardt*, de Leipzig, machinas de impressão, de picotar, de aramar, guilhotina, dos fabricantes allemães *Albert & C.ª*, de Frankenthal, *Ingenfrost*, de Leipzig, *Dietz & Listing*, de Leipzig, com uma esplendida collecção de typo especial e cartões para bilhetes de visita, com fornecimento de sobrescriptos e papel de toda a ordem, nacional e extrangeiro, executam-se, com a maxima perfeição e preços minimos, para qualquer ponto do paiz, com impressão a preto ou a côres, de simples texto ou gravura, todos os trabalhos da arte typographica, taes como: livros, revistas, jornaes, prospectos, facturas, bilhetes de loja, memorandums, estatutos, circulares, etc., etc.

Toda a correspondencia é dirigida para Aveiro, a **Francisco Manuel Homem Christo,** *proprietario, director e administrador de* **O POVO DE AVEIRO.**

RUA D'ARNELLAS—AVEIRO

Bilhetes de visita desde 400 réis o cento

HOTEL CYSNE
Boa-Vista

RUA DA ALFANDEGA (Junto á Ria
AVEIRO

Proprietario-Gerente
ANTONIO SIMÕES PEIXINHO

Este antigo e bem conceituado hotel, installado em casa propria e sito em um dos locaes mais apraziveis da cidade, recommenda-se pela seriedade e aceio do tratamento.

Contracto especial para hospedes permanentes

COZINHA DE PRIMEIRA ORDEM

TRENS AOS PRINCIPAES COMBOIOS

Endereço telegraphico:

Hotel Cysne—AVEIRO